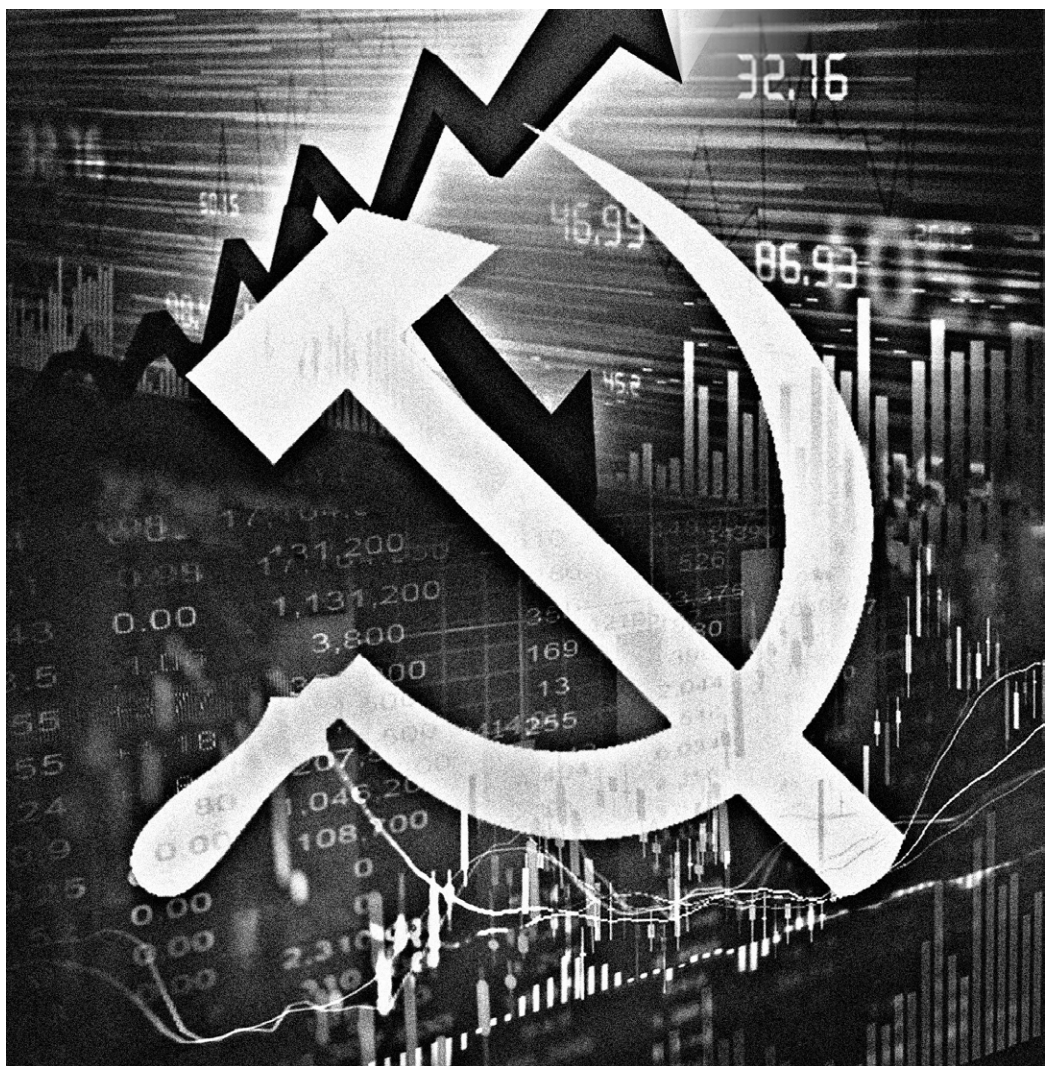
# Os novos comunistas

» ANDRÉ GUSTAVO STUMPF
*Jornalista (andregustavo10@terra.com.br)*



Não se fazem comunistas como antigamente. O Vietnã, que padeceu nos anos 1960 de uma violenta e agressiva invasão das forças armadas dos Estados Unidos (os norte-americanos chegaram a ter 700 mil soldados no país quando houve o cessar-fogo), venceu a extrema pobreza ao transitar de economia planificada para a economia de mercado desde 1986. Em janeiro de 2007, ingressou na Organização Mundial do Comércio, o que permitiu a atração de empresas mais competitivas, voltadas para a exportação. E o país cresceu em média 6% ao ano nas últimas décadas. É uma das economias que mais crescem no mundo.

O governo dos Estados Unidos e o do Vietnã restabeleceram relações diplomáticas em 1995. Norte-americanos visitaram o país em missões oficiais e comerciais. Os vietnamitas também se acercaram dos antigos inimigos e, rapidamente, estabeleceram laços comerciais. Hoje o país consegue atrair capitais antes destinados à China ou a países vizinhos. A poderosa indústria de roupas para esportistas desembarcou com força no antigo território de guerra. Hoje em dia, camisas, calções e tênis utilizados pelos grandes nomes do esporte são produzidos no Vietnã.

De acordo com Ministério das Finanças, até o final do ano de 2013, 6.376 empresas estatais foram reestruturadas. Foram privatizadas 57% delas, 16% foram transformadas em sociedades anônimas, 6% foram vendidas, enquanto 405 empresas restantes foram reestruturadas de diferentes maneiras. Entre 3.576 empresas que foram reestruturadas, 85% têm maior volume de negócios e quase 90% viram os lucros aumentarem.

O resultado é que o país foi, em 2020, o 19º maior exportador do mundo (US$ 318,2 bilhões, 1,7% do total mundial). Já nas importações, em 2019, foi o 18º maior importador do mundo: US$ 271,1 bilhões. Números parecidos com os do Brasil, que não passou por nenhuma guerra e tem 213 milhões de habitantes. O Vietnã tem 97 milhões de cidadãos e quase foi varrido do mapa pelo conflito bélico.

Esse é o novo mundo comunista, que inclui China, Vietnã, Cuba e Coreia do Norte. Os dois últimos continuam apegados aos dogmas da guerra fria. Estacionaram no tempo. E se conservam ao largo da economia mundial. Não participam do fluxo de comércio internacional. Os demais países que se denominam comunistas apenas justificam com o rótulo a existência de ditaduras pavorosas e autoritárias.

A China, grande país comunista de partido único e forte controle central, permite liberdade econômica. Há respeito pelas decisões empresariais. O banco Morgan Stanley estima que a China poderá crescer 5,7% em 2023. Isso deverá acarretar aumento de demanda por mercadorias na América do Sul, e o Brasil deverá ser favorecido pelo maior apetite comercial chinês.

O comércio com a China cresceu de US$ 12 bilhões, em 2000, ou 0,6% do PIB da América Latina, para US$ 445 bilhões em 2021 ou 8,5% do PIB da região. A China se transformou na maior parceira comercial da América do Sul, enquanto os Estados Unidos mantiveram essa posição apenas para México e América Central. Brasil, Chile e Peru possuem balanças comerciais favoráveis com a China. O comércio Brasil e China é proveitoso para os dois lados. Faltam no Brasil obras de infraestrutura — estradas, portos e serviços públicos, exatamente o que os chineses são capazes de oferecer.

Mais de 70% da produção de soja brasileira é comprada pelos chineses. Aliás, a safra recorde de mais 300 milhões de toneladas de grãos dá uma medida da importância do agronegócio na economia brasileira. Entre 2002 e 2022, o PIB agrícola do país saltou de US$ 122 bilhões para US$ 500 bilhões, o que é equivalente ao Produto Interno Bruto da Argentina. São números impressionantes. O agronegócio se modernizou e colocou o país em terceiro lugar entre os maiores produtores mundiais, atrás apenas de China e dos Estados Unidos.

O que o país mais reclama é a urgente melhoria da infraestrutura porque, da porteira da fazenda para dentro, a tecnologia e a produtividade são semelhantes às empregadas nos melhores centros produtores do mundo. O problema é a estrada esburacada e a falta de ferrovias. É nisso que o capital chinês pode ser de grande valia no Brasil. Os comunistas modernos não mais exportam a revolução vermelha. Eles enviam homens de negócios para conquistar novos clientes. São essas as razões que levam Lula a Pequim no final de março próximo.

# Racismo, futebol, biopolítica y baila Vini Jr.

» FLÁVIO BUENO — *Professor, especialista em geopolítica e relações internacionais, geógrafo, sociólogo e pedagogo (@flaviobueno13)*

» HECTOR L. C. VIEIRACOM — *Doutor e mestre em direito, sociólogo, advogado e professor universitário, é membro da Comissão de Igualdade Racial da OAB/DF (@hectorlcvieira)*

Não é de hoje que assuntos extra campo invadem os noticiários pelo mundo. Partidas entre equipes de países em confrontos seculares, debate das condições de trabalho dos modernos e nababescos estádios da última Copa do Mundo, preocupação com a inclusão das mulheres igualitariamente nas engrenagens futebolísticas. Há também o constante debate sobre o racismo praticado em todas as dimensões dessa imensa rede de entretenimento chamada futebol. Erro é tratar essas questões como extra campo como se na parte interna dos portões dos estádios, nas linhas de cal marcadas sobre a grama verde, a sociedade se transformasse, desvinculando-se do que é, de fato, enquanto coletivo.

O que estão fazendo com o Vinicius Jr. na Espanha é um atentado à Declaração Universal dos Direitos Humanos. Não há dúvidas que viola a dignidade humana, expõe o atleta a um tratamento degradante e impede o seu direito de ser, incitando o ódio e a discriminação. Apenas para ficar em um exemplo, em véspera de partida recente, torcedores rivais penduraram um boneco do atleta pelo pescoço em um viaduto de Madri. A história negra, que se confunde com a própria história do Ocidente, registra que nas Américas a prática do linchamento foi muito comum como forma popular de penalizar o povo negro pela suposta prática de crimes ou por ter esbarrado em uma pessoa branca.

Alguns chamam de "a era dos linchamentos" e durou até a metade do século 20. Uma das formas dessa penalização é o enforcamento. Essas práticas constituíam-se atos de violência racial, parte de uma tecnologia sistemática de manutenção do terror sobre os corpos negros, com o objetivo de manter o status quo dos grupos sociais. Quando se trata de querer controlar o corpo negro, o futebol acaba ali.

Em programa esportivo, um comentarista asseverou: "Não se trata de racismo, pois o time possui outros jogadores negros que não são alvo dessas manifestações. O problema é mesmo a irreverência e as danças". É aqui que entra a biopolítica. O corpo de Vini Jr. é um corpo político. Além de estar colocado em um lugar incomum para a negritude e ter alcançado valores que o Ocidente coloca como desígnios de sucesso e felicidade como fama e dinheiro, é alvo de constantes censuras para determinar o que ele pode ou não fazer, buscando impor uma forma de ser ao grupo social.

Ora, a irreverência e a dança são parte do humano, da arte, do esporte: do futebol-arte. O que acontece com Vini Jr. hoje é uma grande oportunidade para reinaugurar fronteiras entre o negociável e o inegociável. Não é mais algo do campo e da bola. Não se restringe à violência dos zagueiros. Vai muito além: é ódio em sua maneira mais vil por meio dos mecanismos mais antigos da biopolítica.

O silêncio também é parte da biopolítica. Quando ele é sepulcral, ou reduzido a pequenas frases de efeitos nos jogos, as principais instituições esportivas indicam negligência e cumplicidade. Medidas paupérrimas, punições inexistentes e a comunidade futebolística ignorando a responsabilidade necessária do debate. A instituição do futebol, dona do esporte oficial, adora "campanha" publicitária contra o racismo, mas na prática é especialista em sportswashing.

Alguns "ídolos", hoje cartolas, deveriam se posicionar. Aliás, à exceção de Kaká, todos os jogadores brasileiros reconhecidos pelo prêmio de melhor da Fifa a partir da década de 1990, são negros e jogaram na Espanha. Sabemos que a ascensão social não necessariamente produz consciência crítica ou senso de pertencimento racial. Porém, esse vácuo tem sido às custas de muita dor, indignidade e violação de direitos. Até quando continuará a consciência crítica e coletiva tão rara quanto água no deserto?

O caso Vini Jr. está longe de ser novidade ou isolado. A conotação e os contornos ameaçam sua existência, é biopolítica, respaldando a velha e conhecida necropolítica. O propósito é límpido: não permitir que um sorriso negro, da zona tórrida tupiniquim, vença como um corpo negro, que baila de forma intrépida sobre empáfia do velho mundo dos colonizadores que parecem ainda não terem superado a mentalidade colonial.

Mal eles sabem: o Vinícius José, de tantos outros Josés, já venceu. Em São Gonçalo, nas favelas e nas comunidades brasileiras, ele sempre será muito mais do que um jogador de futebol. Ele é um super-herói bailarino e sorridente que, por meio de sua arte, de seu corpo e da leveza da referência que já se tornou, transforma o mundo.

Parafraseando Sidney Poitier na obra *Ao mestre, com carinho*: "É dever de vocês mudar o mundo, se puderem". Tem sido o jogo de Vinicius. Se é consciente, o tempo dirá. Mas transformador, sem dúvidas, é. Ao Vinicius José Paixão de Oliveira Júnior, cidadão do mundo, com carinho. *#bailavinijr*

# O piso salarial da enfermagem impacta na sua vida

» DAYSE AMARILIO
*Enfermeira obstetra, professora e deputada distrital (PSB-DF)*

Quando uma categoria luta por direitos e melhorias nas suas condições de trabalho, obviamente, o seu clamor é direcionado. Na sabedoria popular, podemos dizer que está cada um no seu quadrado ou cuidando do próprio umbigo. Está mesmo e em nada diminui a importância das pautas sindicais. Esse foco e destinação presentes nas lutas sindicais são admiráveis e causam revolução, mas, por muitas vezes, nos prendem em um eterno looping de diálogo com nós mesmos.

Você deve estar sem entender o motivo de uma parlamentar em seu primeiro mandato e que foi presidente de um dos maiores sindicatos do Distrito Federal (DF) começar um artigo dessa forma. Não estou criticando a luta de que sempre fiz parte, mas não quero, neste espaço, falar com a enfermagem. Hoje não falo com os meus. Falo com você que estava chegando na seção de economia e parou para ler algumas linhas aqui ou, para você, que gosta de esporte e, por acaso, leu as primeiras linhas deste texto.

Leitor, tomo a liberdade de falar aqui da sua vida particular. Quero que você lembre da última vez que precisou de atendimento médico. Tenho certeza que quem o acolheu de imediato em uma ambulância, em um pronto socorro, na Unidade Básica de Saúde (UBS) ou em um hospital foi um enfermeiro, técnico ou auxiliar de enfermagem. Imagino que, nessa experiência, você tenha tido contato e entendido a responsabilidade que um profissional da enfermagem tem em sua atuação.

A enfermagem possui muita responsabilidade em sua profissão. Em cada ação e decisão, impactamos vidas, a sua vida e de quem você ama. Acredito que você concorda comigo que um profissional exausto com tanta responsabilidade em mãos pode colapsar e pode falhar. Aqui, exponho como a nossa luta impacta a sua vida e a de toda a sociedade. Somos responsáveis pela exaustão e sobrecarga de cada profissional da saúde.

Esses profissionais são, em sua maioria, mulheres chefes de família que trabalham em dois ou três empregos de 20h ou 40h semanais para garantirem uma renda confortável para a casa. Um enfermeiro possui um salário de R$ 1.979,80 para uma jornada de 44h semanais. Um técnico de enfermagem recebe cerca de R$1.376,00 também pelo mesmo turno. Você conseguiria sobreviver e pagar as contas com esse valor? Não, né? Por esse motivo trabalha-se mais, para ganhar mais. Porém se desgastam mais e sofrem mais, erram mais.

A enfermagem é de longe uma das categorias mais subvalorizadas em nosso país. A grande maioria dos nossos profissionais recebem salários de miséria, trabalham em condições insalubres e sofrem constantemente com o assédio físico, moral e até mesmo sexual em seus locais de trabalho — visto que a enfermagem é uma categoria majoritariamente feminina.

A luta pelo Piso Salarial Nacional da Enfermagem atravessa cinco décadas e passa justamente pela perspectiva de dar nova realidade aos trabalhadores. Quase uma dezena de projetos de lei foram protocolados nesse meio tempo e, só em 2020, a pauta avançou com o Projeto de Lei 2564/20.

De lá para cá, foram pouco mais de dois anos de muita luta por valorização, mas também uma luta pela própria vida — uma vez que, além dos baixos salários e péssimas condições de trabalho, a enfermagem teve que enfrentar o coronavírus na linha de frente. Um levantamento publicado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) revelou que mais de 13,6 mil profissionais de saúde no Brasil morreram em decorrência da covid-19, um dos maiores números do mundo e 40% superior aos registros oficiais.

Com muita batalha, o piso salarial finalmente se tornou lei no ano passado — e está previsto na Constituição, por meio da Emenda Constitucional 124. Mas a pressão dos grandes monopólios da saúde — os maiores beneficiados com a precarização da enfermagem — fez com que a medida fosse suspensa um mês depois da sanção. E, mais uma vez, a enfermagem fez um papel que nem era dela na luta pelo piso. Foi ela quem pressionou os parlamentares, solicitou os estudos de viabilidade financeira e, com muito trabalho, conseguiu mostrar um caminho para as fontes de custeio — que foi referendada na Constituição com a Emenda Constitucional 127.

De acordo com o texto, o recurso deve sair de vários fundos de superavit ligados à União e destinados exclusivamente ao pagamento da dívida pública — mas que podem ser utilizados de forma livre caso não sejam aplicados no uso definido. Em janeiro deste ano, o Ministério da Saúde e o governo federal assumiram o compromisso de implementar o Piso Salarial Nacional da Enfermagem em todo o país, mas até agora a resposta tem caminhado a passos lentos.

O Piso da Enfermagem não é só um reajuste salarial. Significa a mudança da realidade de milhares de pessoas — principalmente aquelas que prestam assistência fora dos grandes centros e enfrentam dificuldades ainda maiores. Por isso, encerro esta nossa conversa convidando-o a também lutar pelo piso. Fale com amigos e vizinhos, comente sobre o assunto e exponha a realidade da enfermagem brasileira. Conto com você.